

Folias do Divino, bandas e foguetórios em antigos povoamentos açorianos do Rio Grande do Sul (Brasil): transformando e reorganizando antigas tradições ou (re)inventando raízes baseadas em rotas atlânticas recentes

Reginaldo Gil Braga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DEMUS/ PPGMUS)
rbraga@adufrgs.ufrgs.br

Abstract

This paper has its focal point of discussion in the conceptions and practices of ritual musicians and practisings from the catholic cult of Divino Espírito Santo in southern Brazil. I intended to reveal the discursive structures, the sociocultural contexts and the meanings that music and practisings assumed in face of the religious traditions arrived to the state of Rio Grande do Sul in the 1750s or (re)constructions of roots based on recent atlantic routes between the ancient azorean settlements and Azores in the last three decades. To capture better that went through, I crossed the notions of experience and musical performance with the life histories of devotion of musicians, not musicians and the recomposition of religious rituals and festivals. Finally, I tried to answer one recent question in the ethnomusicological approach of atlantic roots and routes: How does historical and current traffic of people and cultural expressions cause transformations/reorganizations of spaces and expressive practices and new meanings?

Keywords: Atlantic routes; "Divino Espírito Santo" cult; musical performance and memory; Rio Grande do Sul (Brazil); Azores (Portugal).

Folias do Divino, bandas e foguetórios: fontes históricas

Reza o cânone, que as festas do Divino foram estabelecidas no reinado da Rainha Isabel, nas primeiras décadas do século XIV. Parece inegável as evidências de culto ao Divino em Portugal, anteriores a essa data, conforme atestam relatos de historiadores portugueses. No Brasil, a devoção chegou ainda no século XVI e gozou de enorme prestígio até mais ou menos o final do século XIX. Tal foi o prestígio da festa e da devoção no passado que, por ocasião da Independência do país em 1822, o título de Imperador do Brasil, escolhido pelo ministro José Bonifácio de Andrada e Silva para Dom Pedro I, deveu-se ao fato de

que o nome de Imperador do Divino era mais conhecido do que o de rei pela população (Casculo, 1972: 356).

Utilizando a teoria ritual clássica, elaborada por Genep (1978), poderíamos situar as diferentes fases da Festa, como estruturadas por momentos “pré-liminares”, “liminares” e “pós-liminares”. Assim os momentos de preparação à festa, propriamente ditos, seriam pertencentes à fase “pré-liminar” do evento religioso e compreenderiam o peditório com a *benção das bandeiras* e a visita às casas. O levantamento do mastro, as novenas, a missa festiva e a procissão qualificariam a “liminaridade” em toda a sua significação, ou seja, o momento de contato com o sagrado e a experiência mística da vivência comunitária na fé ao Divino em toda a sua plenitude, a festa propriamente dita. Finalmente, os ritos “pós-liminares” compreenderiam o arreamento do mastro e a confraternização no salão paroquial, momentos que fariam a transição para o cotidiano: volta à condição humana em contraposição à vivência sagrada antes experienciada.

A princípio, as festas portuguesas continentais e insulares tinham no *bodo*, a farta distribuição de alimentos aos pobres, como o cerne da devoção. Foi no século XVI que o peditório para o *bodo* foi incrementado com a presença de músicos e passou a chamar-se de *folia*, bem como se criaram cerimônias relacionadas à coroação. Esse grupo de músicos constava no geral de três a cinco figuras empunhando violas ou violões, violinos ou rabecas rústicas, pandeiro e ferrinhos. Outros indivíduos auxiliavam na cantoria e no recolhimento de donativos. Esses músicos também utilizam vestimentas características, a exemplo dos membros das irmandades (Spalding, 1979:102).

No Brasil e, no caso, na área geográfica da hoje atual Grande Porto Alegre, não parece ter sido diferente. Um exemplo vem do município de Gravataí, onde Célia Jachemet (1993: 45), atesta que dentro da Irmandade do Santíssimo Sacramento, criada em 1836, os homens vestiam-se com *opas* verdes e os *foliões* com capas vermelhas e brancas.

Muito embora o historiador porto-alegrense Walter Spalding (1979) ignore-se a utilização do termo *folia* no estado, acreditando que empregava-se o nome de *bandeira* (o estandarte) do Divino e, por extensão, assim se denominava a *folia* e os *foliões*, sabe-se que o termo *folia* foi sim utilizado, inclusive em Porto Alegre, conforme atestou o cronista Pereira Coruja (1983:113), por exemplo.

Os seguintes versos cantados foram recolhidos por Walter Spalding (Ibidem) da boca de Joaquim Saturnino dos Santos Paiva, arquivista aposentado da Prefeitura de Porto Alegre, falecido em 1938, com mais de 80 anos de idade¹:

Bendito e louvado seja
o Divino Espírito Santo.
Que festeje a gente toda
a quem nós queremos tanto.

Ó Divino Espírito Santo,
santa pomba divinal,
Abençoi vossos fiéis
na vossa festa terreal.

O Divino Espírito Santo
É senhor de terra e céus;
Mas quer que a festa se faça
De esmolas dos filhos seus.

Estes versos seriam versos ouvidos em Porto Alegre ou Rio Grande (não tinha certeza, portanto), cidade onde teria vivido muitos anos como funcionário da alfândega. De qualquer forma, atestam a presença do grupo de músicos em uma das duas maiores cidades do estado, acompanhando a *bandeira* em *peditório* até, pelo menos, fins do século XIX². Segundo o autor, finda essa fase dos festejos, somente restaram os foguetes em lugar das cantorias. Foi o fim dos *peditórios* alegres de outrora. Vejamos o que outros cronistas de Porto Alegre nos dizem das diferentes fases da festa e da devoção na cidade.

Augusto Meyer (1902-1970), em *Guia do Folclore Gaúcho* (s/d: 50-2), disse que desde os primórdios do povoamento, por volta de 1772 (até 1920), esta foi a sua festa mais popular³. O registro histórico mais antigo sobre a festa e especialmente sobre a *folia do Divino*, provém de Antônio Alvares Pereira Coruja,

¹ Estes versos demonstram, segundo ele, semelhanças com algumas das sete quadras que citou em seu livro (Spalding, 1979: 104-5), como sendo as populares e tradicionais das ilhas dos Açores.

² Walter Spalding disse possuir registros fotográficos de um *grupo de Folia* (muito embora grife o autor, que conhecido por outro nome), nos arredores de Porto Alegre, no Belém Velho, hoje bairro da cidade, sendo formada por violões e gaita de fole. Dispunha também do registro de um baile na mesma ocasião.

³ Recorrendo a Augusto Porto Alegre (Porto Alegre, 1906, Apud, Paixão Côrtes, 1983: 13), descobrimos que a primeira Capela do Divino, uma construção de cinco portas frontais, surgiu junto com a devoção na cidade, em 1772. A segunda capela, demolida em 1882, tinha três aberturas e a terceira, inaugurada em 1884 (cuja construção iniciara-se dois anos antes), a última construída naquele local: antiga Rua da Igreja; atualmente Duque de Caxias, esquina com a Rua do Espírito Santo. Em 1929, a Capela e a Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus, situadas na esquina das referidas ruas foram demolidas para dar lugar à Catedral Metropolitana de Porto Alegre.

falecido em fins do século XIX, e que se reporta ao primeiro quartel do século (Coruja, 1983: 113.)⁴:

Cabe lembrar que quando em 1823 João Inácio Teixeira, e em 1825 o seu vizinho da esquina fronteira Matias Fernandes foram eleitos **Imperadores do Divino**, apesar da rotundidade de um e do **tamanho** do outro, ambos se apresentaram em pessoa a cingir o cetro e coroa entre as alas dos irmãos, precedidos dos respectivos foliões.

Parece que foi por volta dessa época (1850), que o espetáculo pirotécnico foi substituindo pouco a pouco os cantares dos *foliões* e a coroação do *Imperador* (ou festeiro), realizada francamente no Brasil até 1889 (data da proclamação da República). Corroboram essas afirmações os dados levantados por Spalding com o informante João Saturnino e as fotos de fins do século XIX retratando o último grupo de *foliões* da cidade em atividade.

Num ímpeto saudosista, disse Spalding em 1955 (1979: 107): “Bom seria, entretanto, que se re-estabelecesse o antigo cerimonial da coroação, o bodo e as luminárias, sem as profanidades introduzidas ainda mais modernamente Voltar ao passado – sem foguetório ... – em casos tais, é viver vida nova e ... sã”.

É dessa época, pois, o predomínio dos foguetórios e das bandas de música e dos bailes em lugar das *folias* na cidade. A importância dos *fogos* foi tamanha que, a própria festa do Divino, foi popularmente chamada de “fogos” ou “fogos do Espírito Santo”. Achylles Porto Alegre ([1941] 1994: 80-1), outro cronista da cidade destina mesmo um capítulo das suas memórias para os “fogos”.

No tocante às bandas, lembra Augusto Meyer (1996) que: “Aos quatro cantos da praça erguiam-se os coretos para as famosas bandas militares (...) (p.61)” As bandas sempre tocavam após os foguetes, que anunciavam o fim das novenas, através de um repertório de marchas vivas e alegres: isso simultaneamente vindo dos quatro coretos armados aos quatro cantos da praça (p.64-5).

Desde o ano de 1919, Achylles Porto Alegre (1994: 20) demarca as mortes das *cavalhadas* e do o *bumba meu boi* na cidade e assinala a transformação dos “fogos do Espírito Santo” que: “nesse ano do século da eletricidade, 1919, não teve fogos de artifício”, o que não impediu totalmente as pessoas de se dirigirem à praça. Disse, finalmente: “Tudo isso desapareceu, porque a civilização, o espírito moderno – não admite mais isso ... (Ibidem: 81)”. Em 1929, a Capela e a

⁴ Relato publicado primeiramente no jornal *A Gazeta de Porto Alegre*, na década de 1880.

Igreja de Nossa Senhora Madre Deus foram demolidas para dar lugar às obras da Catedral Metropolitana de Porto Alegre. Fim, pelo menos aparente da festa⁵.

Editada em 1924, a obra *A Vila da Serra, Conceição do Arroio: sua descrição física e histórica, usos e costumes até 1872*, do cronista Antônio Stenzel Filho, é o melhor retrato que se tem da cidade de Osório de outrora e, em especial, para este estudo, dos festejos do DES. Segundo ele, naquela época (antes de 1872) as festas religiosas estavam no seu auge (em relação à data que escreveu o livro, 1924) e as três maiores festas no município era a do Divino, da Conceição e a do Rosário. Como não havia igrejas nos distritos, as festas realizadas no quadrante da vila, reuniam muita gente vinda do interior. A Festa do Divino era a campeã de público, com várias famílias dividindo casas de parentes e outros acampados em carretas, pois não havia como acomodar todos.

Vamos às suas reminiscências, os registros mais antigos que se tem sobre as expressões musicais da festa em Osório:

No primeiro domingo do mês de janeiro, com grande acompanhamento saíam da Vila as bandeiras a percorrer o município. Acompanhava-as a folia, composta de um tambor, uma rabeca e uma ou duas violas. O chefe da cantoria era o Vitorio, um mulato gordo, já velhote, que era auxiliado por mais dois cantores e um menino que fazia de triple. (...) Terminada a cantoria, entravam todos, e então, enquanto homens, mulheres e crianças beijavam o pano sagrado, os foliões iniciavam o peditório, cantando novamente ao som das violas, rabeca e tambor (*Ibidem*: 45-6).

Assim saíam as bandeiras do Divino, precedendo as novenas e leilões.

Seguiam-se as novenas, durante as quais a voz de barítono do velho Silva, no coro, ecoava por toda a Vila, e a música [banda de música] do Zeferininho (Zeferino Antônio de Oliveira) à entrada e no fim do ato religioso executava belíssimos dobrados (*Ibidem*: 36-7).

Ontem e hoje: transformações e reorganizações da tradição

Através dos depoimentos de cronistas e folcloristas a partir do século XIX (Achylles Porto Alegre, Pereira Coruja, Walter Spalding, entre outros), nota-se que a Festa do DES da cidade de Porto Alegre passou por muitas transformações

⁵ Por volta de 1841 já se falava da necessidade de construir prédios novos ante o mau estado das construções. A Irmandade do DES, criada em 1821, transferiu-se definitivamente do centro da cidade para o atual endereço, Rua José Bonifácio, Bairro Bonfim, no ano de 1932. A partir de 1929, portanto, encerra-se um ciclo de festa e devoção importante da cidade de Porto Alegre para dar lugar a uma nova fase da festa começando em 1932 e em endereço novo.

e reorganizações, assim como perdeu muito do seu prestígio e apelo popular. Notícias de proibições e reformas, principalmente às partes profanas da festa, ao longo do tempo fizeram com que desaparecessem, entre outras coisas o grupo da folia, a coroação do Imperador (ou festeiro), a distribuição do *bodo* e os chamados fogos do Espírito Santo. Mesmo materialmente, houve a destruição do antigo Império, depois transformado em capela, e sua transferência para outro bairro da cidade.

No caso da Osório, dá-se na década de 1980 em diante a reconstituição da tradição da folia, parada por mais de cinquenta anos no município. Os responsáveis foram, o *mestre* Gica e as professoras Marly Scholl e Sônia Pacheco Chemale, a idealizadora do “resgate”.

Croaldo José Souza do Amaral, mais conhecido como Gica, nasceu em 1938. Ainda menino acompanhava o pai nos *ternos de reis* como *tipe* e apresentava-se nas festas juninas das escolas fazendo parte dos *ternos*. Seu pai foi um reconhecido improvisador, tendo participado das cantorias da *Folia do Divino* quando jovem. Por volta dos 15 anos, ajudou a fundar o Centro de Tradições Gaúchas Estância General Osório, juntamente com a professora Sônia Chemale. Nessa época, teve contato com Paixão Côrtes, quando das suas coletas folclóricas pela região. Mestre Gica colaborou, como informante, na elaboração do livro *Folias do Divino* (1983), a partir das lembranças contadas pelo pai, pois na época os festejos estavam paralisados em Osório. Em 1992, faleceu, deixando saudade entre os seus admiradores e amigos e uma marca de perseverança na manutenção das tradições do município⁶.

Através de um esforço conjunto da comunidade, reunindo os *festeiros*, a prefeitura municipal e a igreja, no primeiro ano do “resgate” (1988) a festa foi reconstituída somente com o *espadim*, *mordomas* e *rainha*. Foi realizada a *coroação do imperador festeiro* e a *procissão*, porém sem a participação da cantoria. Foram entrevistadas pessoas da comunidade que participaram dos festejos no passado e que ajudaram a reconstituir todos os passos da festa. Essas entrevistas foram realizadas pelas professoras Lilian Argentina, Sônia

⁶ Os dados biográficos sobre a vida do *mestre* Gica foram obtidos, principalmente, a partir dos depoimentos recolhidos pelas entrevistas que as professoras Lilian Argentina Braga Marques e Sonia Teresinha Siqueira Campos, realizaram sobre a vida do *mestre* na comunidade osoriense. Também colaboraram a professora Marly Scholl e a viúva do mestre, Elci do Amaral.

Chemale e Marly Scholl e cobriram um período que vai de 1911 a 1935, o último registro de realização da festa⁷.

Na segunda edição (1989), organizou-se o grupo que hoje é conhecido por *grupo da folia*. *Mestre* Gica sempre esteve à frente do grupo, desde a criação até a sua morte em 1992. De lá para cá, outros *mestres* assumiram o seu lugar. Nos primeiros tempos da reconstituição ainda aparecia o *tipe*. Quase todos os integrantes, foram ou são participantes de grupos de *terno de reis*. A música foi reconstituída a partir do senhor João Negrune, violinista e antigo integrante de *terno e folia* no município. Com ele, *mestre* Gica aprendeu a música e os versos da folia, que à maneira dos *ternos de reis* também cabia uma margem de improvisação.

O modelo adotado para a reconstituição foi aquele das suas últimas versões. Assim, apenas alguns procedimentos foram modificados em função das novas condições impostas. Por exemplo, com a inexistência do antigo *império* (demolido na década de 1920), passou-se a fazer o *levantamento do mastro* ao lado da igreja. Da mesma forma, os cortejos em direção à igreja e as visitas do grupo da folia às casas passou a sair de um *império* provisório (em madeira e desmontável), construído ao lado da igreja. As cavalhadas, ainda realizadas na década de 1920, segundo o relato de Stenzel Filho (1924), não foram reconstituídas porque não se tinha conhecimento de antigos *corredores* vivos à época das entrevistas.

A festa vem sendo realizada ininterruptamente desde o seu “resgate” em 1988 e mesmo de luto com a morte do dinâmico *mestre* Gica em 1992, o *grupo da folia* não deixou de realizar a sua ação precatória. Nos últimos tempos muitos entusiastas do município têm se juntado à iniciativa desses líderes comunitários. Outros municípios do estado que “revitalizaram” as festas com destaque para a dimensão musical foram: Caxias do Sul (o distrito de Criúva) com a folia, ainda na década de 1980; e mais recentemente, Santo Antônio da Patrulha e Gravataí com o tamboreiro.

O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os

⁷ Foram entrevistadas, entre outras senhoras da comunidade: Ceci Bastos, Maria Marques, Iodolina Gayer Chemale, Carolina Emerim e Emília Pacheco da Silva.

historiadores é analisar a natureza deste 'sentido do passado' na sociedade e localizar suas mudanças e transformações (Hobsbawm, 1998: 22).

Como tráfegos históricos e atuais de pessoas e expressões culturais causam transformações/ reorganizações de espaços e práticas expressivas e novos significados

É surpreendente a existência de festejos em louvor ao DES em muitas das comunidades da diáspora açoriana pelo mundo, a exemplo de localidades e populações brasileiras que, sabendo ou não que são descendentes de açorianos mantém sobrevivências e atualizações do que têm para si como coisas dos mais velhos. Colaborou para isso, nos últimas três décadas, a iniciativa do Governo dos Açores que até recentemente mantinha cursos de atualização e formação de animadores culturais em folclore açoriano, cursos que levaram muitos agentes locais que se tornaram reprodutores e atualizadores dessa tradição. A despeito do seu enfraquecimento nos Açores e o seu desaparecimento em Portugal continental, essas festas espelham a religiosidade popular e os laços de identidade e diferenciação de portugueses e brasileiros espalhados pelo mundo, através da língua e traços culturais. Processos mediados pelos trânsitos históricos e atuais e pelas políticas culturais específicas em uma realidade de globalização.

No caso particular de Porto Alegre, as festas em louvor ao DES, que apesar de comparar-se em antiguidade e importância à de Nossa Senhora dos Navegantes, para a população da cidade no passado, perdeu sua grandiosidade em relação a esta nos dias de hoje, configura um modelo particular em relação aos tráfegos e assentamentos históricos dos açorianos na região, já longínquos na memória popular. Hoje a Festa dos Navegantes goza do prestígio daquela no passado. Elos identitários esmaecidos pelo tempo, porém não apagados.

Quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de um certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo tornar-se modelo para o mesmo. 'Devemos voltar aos caminhos dos nossos antepassados' quando já não os trilhamos automaticamente, ou quando não é provável que o façamos. Isso implica uma transformação fundamental do próprio passado. Ele agora se torna, e deve se tornar, uma máscara para inovação, pois já não expressa a repetição daquilo que ocorreu antes, mas ações que são, por definição, diferentes das anteriores (Hobsbawm, 1998: 26).

Segundo a experiência particular de Porto Alegre descrita nesse trabalho e aprofundada em trabalho anterior (Braga, 2006), a cidade segue acompanhando as festas do Divino açorianas, de quem imagina herdá-las mais diretamente em desenvolvimentos paralelos e multilineares, haja vista que aqui também as bandas (lá chamadas de filarmônicas) e foguetes substituíram os *foliões* e o velho sistema da coroação do *Imperador*, entre outras cerimônias. O historiador e folclorista gaúcho Dante de Laytano quando esteve nos Açores, ainda em 1958, em missão de pesquisa patrocinada pela CAPES, observou esse fenômeno plenamente instalado pelas diferentes ilhas (Laytano, 1987: 238). Tal como lá, se encontra os *foliões do Divino* hoje no Rio Grande do Sul somente nos rincões mais afastados dos grandes centros ou onde por vontade das comunidades houve revitalizações das festas de outrora, como, por exemplo, a estudada por mim (Braga, 2002 e 2004).

Sabe-se que a Festa do Divino dá-se hoje em Portugal, apenas com resquícios do que fora outrora na “Festa dos Tabuleiros”, de Tomar e que apenas subsistiu nos Açores, no Brasil e na América do Norte (onde se encontram radicadas comunidades de açorianos)⁸. O uso da cantoria, porém, vem caindo em desuso e a presença dos *foliões* é rara em muitos lugares. Na ilha Terceira (Açores), conforme atestou Augusto Gomes, no livro *A alma da nossa gente* (1993: 240) ela foi substituída pelas *filarmônicas* e o mesmo vem ocorrendo em muitas partes do Brasil.

Em Osório, o aspecto decisivo para a retomada da festa foi o da interferência de indivíduos, cujo carisma e liderança os fez elementos chave na revitalização de tradições em processo de esquecimento. Nesse sentido, segundo as duas fases que mapeamos: primeira, até o ano de 1935 (o último registro que se tem da sua realização) e segunda, a partir do ano de 1988 aos dias atuais, ela sofreu uma interrupção e retomada significativa. Nesse artigo enfoquei, principalmente, o papel desempenhado pelo popular *mestre* Gica, e pelas professoras Sônia Pacheco Chemale e Marly Scholl no “resgate” dessa tradição no município, bem como, discuti as transformações e reorganizações pelas quais a festa passou ao longo dos tempos. Com o entusiasmo que a festa está sendo conduzida e

⁸ Tive a oportunidade de acompanhar no ano de 2001 o “Septuagésimo Quarto Aniversário da Festa em Honra do Divino Espírito Santo” (22 a 30 de julho) da comunidade açoriana de Artesia, California, Estados Unidos. O esplendor da festa demonstrou que a devoção ainda está muito presente entre esses açorianos e descendentes distantes da terra natal.

acolhida pela comunidade no ano em curso (2011), pode-se prever que a sua continuidade está assegurada, pelo menos enquanto pessoas de pulso firme na comunidade estiverem à frente dessa iniciativa. A teimosia em preservar os elos com o passado e de projetar para o futuro a continuidade de antigas tradições não podem ser relegados ao puro saudosismo. Este é o exemplo desta comunidade ao insistir na rememoração da sua memória particular.

Essas são transformações e reorganizações da tradição do DES da cidade de Porto Alegre e Osório que ecoam proibições e restrições, experimentadas anteriormente pelos seus antepassados e agora, paralelamente, segundo o influxo da modernidade, espelham a vivência dos açorianos povoadores do Porto dos Casais, e a antiga Conceição do Arroio hoje conhecidas como Porto Alegre e Osório, respectivamente.

Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? Podem suprimir sua direção, sua forma, seu aspecto, estas moradias, estas ruas, estas passagens. ... À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo (Bosi, 1999: 452).

Referências bibliográficas

Bosi, Ecléa (1999). *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Braga, Reginaldo Gil (2002). "Folclore Musical do Espírito Santo: Folia do Divino em Osório" in Agriflogio, Rose Marie Reis (ed). *Contribuições Luso-Açorianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore. (38-57)

_____ (2004). "Festa do Divino Espírito Santo em Osório: ontem e hoje" in Barroso, Vera Lúcia Maciel (ed). *Raízes de Osório. Anais do XIII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha*. Porto Alegre: EST. (475-86).

_____ (2006). "Devoção Popular e Festa do Divino Espírito Santo na Cidade de Porto Alegre: do Império à Capela do Divino Espírito Santo" in Comissão Nacional de Folclore (Ed). *Anais do XII Congresso Brasileiro de Folclore*. Natal: CNF.

Cascudo, Câmara Luís da (1972). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ediouro.

Coruja, Antônio Álvares Pereira (1983). *Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais.

- Gennepe, Arnold Van (1978). *Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.
- Gomes, Augusto (1993). *A Alma da Nossa Gente. Repositório de Usos e Costumes da Ilha Terceira, Açores*. Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Hobsbawm, Eric (1998). *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jachemet, Célia Silva (1993). "As Festas do Espírito Santo em Portugal-Açores e sua Transmigração para o Brasil e Rio Grande do Sul" in Barroso, Vera Maciel (ed). *Presença Açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST.
- Laytano, Dante de (1987). *Arquipélago dos Açores*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Meyer, Augusto (s/d.). *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. *Segredos da Infância [1949] (1996)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/ Editora da UFRGS.
- Paixão Côrtes, João Carlos (1983). *Folhas do Divino*. Porto Alegre: Proletra.
- Porto Alegre, Achylles (1994). *História Popular de Porto Alegre [1941]*. Porto Alegre: Unidade Editorial.
- Spalding, Walter (1979). *Na Voz do Povo. Ensaios de Folclore*. Porto Alegre: EST/ Martins Livreiro e Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.
- Stenzel Filho, Antônio (1980). *A Vila da Serra (Conceição do Arroio): sua descrição física e histórica. Usos e Costumes até 1872 (2ª edição)*. Porto Alegre: IEL, Caxias do Sul: UCS.

Notas biográficas

Reginaldo Gil Braga é professor adjunto de Musicologia/ Etnomusicologia do Departamento de Música e Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É mestre e doutor em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), respectivamente. Desenvolve pesquisas sobre música brasileira popular e tradicional, englobando acervos sonoros, religiões afro-brasileiras e catolicismo popular, memória e patrimônio musical.